

As Visões da Imprensa Escrita Brasileira: O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo na Cobertura da Guerra do Golfo (1990-1991)

SANDRO HELENO MORAIS ZARPELÃO*

PROF. DR. FRANCISCO ASSIS DE QUEIROZ**

A Guerra do Golfo na Imprensa Escrita Brasileira: Uma Discussão Introdutória

A Guerra do Golfo, para melhor ser compreendida, pode também ser analisada sob a ótica da imprensa. Nos capítulos anteriores, estudou-se como a CNN, canal de notícias televisivas, cobriu o aludido conflito. Foi a CNN como canal de notícias de televisão que noticiou, ao vivo, as principais notícias e fatos da guerra.

Assim, tornou-se imperativo também compreender como parcela da imprensa escrita brasileira cobriu a Guerra do Golfo. Então, nesse capítulo, o objetivo é demonstrar brevemente, através dos editoriais, qual foi a posição e a imagem construída pelos jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”, acerca do conflito.

Para tanto, ressalta-se que o jornal “O Estado de São Paulo” possui uma posição ideológica e política assumidamente de defesa dos princípios liberais. Já a “Folha de São Paulo”, apesar de aparentar ora ser um jornal ligado mais às idéias da esquerda, não tem uma posição oficialmente definida, mas os seus editoriais deixam claro que talvez seja mais liberal do que ela possa querer demonstrar. Então, os princípios liberais voltados para as relações internacionais, acabaram verificando-se nos editoriais dos mencionados periódicos.

Desse modo, o presente artigo tratará, de forma geral, como os editoriais dos jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”, observaram e verificaram a Crise e a Guerra do Golfo, entre os meses de julho de 1990 e março de 1991. Tal temática é oriunda da dissertação de mestrado, que foi realizada, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), sobre a Guerra do Golfo cujo tema foi “Tempestade no Iraque: a Guerra do Golfo, a Política

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).

Externa dos Estados Unidos, a Historiografia Militar e a Imprensa Escrita Brasileira (1991)”, defendida em 2008.

A Guerra do Golfo nos jornais “O Estado de São Paulo” e na “Folha de São Paulo”

Dia 2 de agosto de 1990, era ainda madrugada nas areias do deserto onde se localizava a fronteira entre Iraque e Kuwait, quando as tropas iraquianas cruzaram-na e invadiram o pequeno território do Kuwait.

Mais de cinco meses depois, no dia 17 de janeiro de 1991, já era noite em Bagdá, quando os primeiros mísseis estadunidenses cruzaram os céus da cidade das mil e uma noites. Começava, então, a Guerra do Golfo, com o bombardeio maciço dos aviões aliados sobre as principais cidades iraquianas e sobre o Kuwait ocupado pelas tropas do Iraque.

O mundo todo através da CNN (canal exclusivo de notícias dos Estados Unidos) viu em tempo real, instantaneamente, a guerra, as bombas “inteligentes”, os bombardeios cirúrgicos e todo o incrível aparato tecnológico estadunidense e seus aliados. Uma guerra que ficou conhecida muito mais pelas imagens que pareciam ser de computador, do que pelas vítimas, destruição e mortes.

Assim, foram analisadas as reportagens, artigos e principalmente editoriais dos jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”, entre o período de julho de 1990 e março de 1991. Como o foco principal foram os editoriais, então, cabe ressaltar que no caso do jornal “O Estado de São Paulo”, foram consultados 17 editoriais relativos à crise e à Guerra do Golfo, entre os dias 8 de janeiro de 1991 e 8 de março de 1991. Também foi consultado um editorial do jornal Folha da Tarde, do mesmo grupo empresarial que o jornal “O Estado de São Paulo” pertence, do dia 15 de janeiro de 1991. Já com relação à “Folha de São Paulo” foram consultados ao todo 20 editoriais relativos à crise e à Guerra do Golfo, entre os dias 9 de agosto de 1990 e 10 de março de 1991.

Notou-se, em linhas gerais que ao todo 6 temáticas que perpassam os editoriais dos jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”: o petróleo, as armas sofisticadas, a

** Professor Doutor e Orientador do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).

guerra como irracionalidade e a sua necessidade, os interesses dos Estados Unidos e a visão sobre Saddam Hussein, a atuação das Nações Unidas e a censura à imprensa.

O primeiro aspecto se refere ao uso de tecnologia, de armas sofisticadas, a crença de que se tratava de uma guerra *high tech*, com pouco derramamento de sangue. A imprensa, televisiva e também escrita, transformou as armas e a alta tecnologia bélica nos principais protagonistas da guerra, numa incrível inversão de papéis, em que o homem, o horror, a destruição e a ferocidade da guerra foram deixadas em segundo plano. Nesse sentido, o editorial do “Jornal da Tarde”, de 15 de janeiro de 1991, pertencente à família Mesquita, que também controla o jornal “O Estado de São Paulo” informou:

[...] Hoje, terça-feira, 15 de janeiro de 1991, às 24 horas (hora da ONU, duas horas da manhã de quarta-feira no Brasil), estará se iniciando oficialmente a ofensiva do mais poderoso e tecnologicamente mais sofisticado dispositivo militar jamais conhecido pelos homens contra um exército que, sendo o mais poderoso do mundo árabe, já demonstrou, em oito anos de guerra com os desorganizados exércitos do ayatolah Khomeini, que não tem a menor condição de oferecer às tropas aliadas uma resistência maior do que a oferecida pelas tropas dos general Galtieri ao pequeno exército de Margaret Tachter na Guerra das Malvinas.¹

Essa informação é confirmada em artigo publicado por Roberto Godoy, no jornal “O Estado de São Paulo”, de 15 de janeiro de 1991:

No ar, entretanto, nada supera os fascínio do avião invisível F-117^a, provavelmente o protagonista da primeira hora de luta. Pequeno, com uma aparência incomum, marcada pelos ângulos exóticos que o tornam indetectável nas telas dos radares, ele está pronto para decolar esta noite, ao abrigo da escuridão. (GODOY, 1991).

Percebe-se que as armas foram alçadas à condição de protagonistas da guerra, desconsiderando, de certa forma, a dimensão humana que a guerra possui.

O Editorial da “Folha de São Paulo” segue essa linha de pensamento:

Mesmo descontando o triunfalismo sinistro dos briefings do Pentágono, a colossal investida aérea norte-americana, o poder mortífero dos bombardeios e a fantástica precisão da parafernália posta em marcha parecem ir dissipando até os temores quando a um choque excessivamente prolongado.²

¹ Editorial do Jornal da Tarde “O petróleo é de Saddam”, São Paulo, 15 de janeiro de 1991.

² Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Riscos do monopólio”, São Paulo, 18 de janeiro de 1991, p. A-2.

Não se pode esquecer de que, nesse momento, o mundo estava presenciando o emergir de uma era de incertezas, com a crise da Guerra Fria, do socialismo real e da União Soviética, com o advento de inúmeros conflitos étnicos, religiosos e nacionalistas e a formação e expansão de muitos blocos econômicos.

Dos escombros da Antiga Ordem Mundial (Guerra Fria), nasceu uma profunda insegurança nas relações internacionais, em que o dançar histórico era muito mais rápido do que as pessoas, nações e intelectuais podiam acompanhar e entender.

A Guerra do Golfo, em 1991, foi o conflito que ocorreu dentro de grandes transformações verificadas nas relações internacionais no ano de 1991, no caso a crise do socialismo real, o fim da Guerra Fria e o consenso, nunca antes existido, na atuação da ONU, durante o citado conflito. Aqui surge a segunda temática relativa ao conflito, a atuação das Nações Unidas antes e durante a guerra.

O jornal “Folha de São Paulo”, de 1º de dezembro de 1990:

[...] De todo o modo, a decisão da ONU parece indicar que finalmente a entidade resolveu assumir uma posição de árbitro internacional. Já não era sem tempo. Resta esperar esse papel seja reforçado e ampliado, seja quais forem os conflitos, os interesses em jogo e o peso específico dos países cujas dissensões as Nações Unidas venham futuramente a examinar.³

Percebe-se, uma valorosa crença do grupo Folhas na atuação das Nações Unidas e no comportamento, por consequência, dos Estados Unidos no conflito. Contudo, tal percepção foi se diluindo com o tempo devido ao desenrolar da guerra:

Conforme Cuéllar, o Conselho é informado das ações militares apenas depois de realizadas; não há envolvimento algum da ONU, nem por meio da coordenação das forças anti-Iraque, nem pela intervenção direta. Inexistem, portanto, garantias de que certos requisitos estejam sendo efetivamente respeitados; há dúvidas se os ataques maciços a cidades iraquianas são mesmo para libertar o Kuwait – objetivo teórico da guerra.⁴

O que se viu no conflito foi que a Organização das Nações Unidas não teve o comando das ações militares, controladas pelos Estados Unidos. Nesse sentido, o jornal “O Estado de São Paulo” apontou as deficiências da ONU:

³ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Ultimato da ONU”, São Paulo, 1º de dezembro de 1990, p. A-2.

⁴ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra sem ONU”, São Paulo, 13 de fevereiro de 1990, p. A-2.

O fiasco de Perez de Cuéllar revela as deficiências mais graves da estrutura e da praxe da Organização das Nações Unidas. (...) Sem um secretário-geral que se conduza acima de tudo pelos ditames e espírito da Carta de São Francisco, a ONU corre o risco de transformar-se ora num certame de retórica estéril, ora num jogo de forças que se anulam na projeção de interesses nacionais soberanos e contrários.[...].⁵

O que se verificou na Guerra do Golfo é que mais uma vez as Nações Unidas foram utilizadas, de certa forma, para atender aos interesses das grandes potências, principalmente os Estados Unidos. O jornal “O Estado de São Paulo” esboçou uma análise mais crítica e mais aprofundada das razões da ineficiência das Nações Unidas do que a “Folha de São Paulo”, em seu editorial.

A terceira temática foi a questão do petróleo e o possível choque que a guerra poderia causar nos preços a guerra, além da dependência do mundo com relação ao Petróleo. O “Jornal da Tarde” em seu editorial de 15 de janeiro de 1991 defendeu:

Insensatez maior ainda foi a ausência de qualquer esforço sério para livrar o mundo da dependência energética – 70% das reservas conhecidas do petróleo consumido na Terra estão situadas lá – do Oriente Médio, uma região explosiva e instável politicamente [...].⁶

O Jornal da Tarde critica duramente a dependência do mundo com relação ao petróleo do Oriente Médio e a letargia do Ocidente em buscar resolver seus problemas de fontes de energia.

Já a “Folha de São Paulo”, insistiu várias vezes com a questão do petróleo. No entanto, diferentemente do “Jornal da Tarde”, dedicou alguns editoriais para expressar sua preocupação com um eventual novo choque do petróleo e o seu impacto sobre o Brasil. Porém, em nenhum momento procurou analisar a real dimensão do petróleo para o Iraque e para os Estados Unidos. O Editorial de 9 de agosto de 1990 noticia:

A eclosão da crise Iraque-Kuwait repercutiu imediatamente sobre o preço do petróleo causando um aumento de 40% na cotação do produto no mercado internacional. A despeito da dificuldade natural em avaliar, na sua plenitude, as

⁵ Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Encontro em Bagdá”, São Paulo, 15 de fevereiro, p. 03.

⁶ Editorial do Jornal da Tarde “O petróleo é de Saddam”, São Paulo, 15 de janeiro de 1991.

*consequências do conflito, urge adotar medidas preventivas e advertir a sociedade para os custos daí decorrentes.*⁷

Como se sabe o tão temido choque do petróleo acabou não ocorrendo. Os preços do barril permaneceram ligeiramente estáveis durante a Guerra do Golfo.

A quarta temática foi a censura à imprensa. Ocorre que a Guerra do Golfo é colocada pela imprensa como sendo uma guerra sem grande importância histórica, apenas conhecida pelas armas inteligentes, bombardeios cirúrgicos de alta tecnologia, desconhecendo talvez a sua real dimensão. A própria historiografia também não trata a Guerra do Golfo como um fato histórico de grande relevância no cenário internacional. É bem verdade que não se deve superdimensioná-la, carregando-a de um peso histórico que não possui, mas também não se pode relegá-la ao esquecimento.

As agências de notícias internacionais que cobriram a guerra, além da própria CNN, são em sua maioria de origem estadunidense e assim, os jornais brasileiros como “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, adquiriram notícias da Guerra do Golfo, principalmente da imprensa estadunidense⁸.

Desse modo, o jornal “O Estado de São Paulo” em editorial de 23 de janeiro de 1991 criticou o monopólio da notícia exercido pela CNN, durante a guerra, que caracterizava, de certa forma uma censura e colocava em risco o acesso às notícias:

*Não é de hoje que os mais atentos observadores da guerra sustentam a idéia de que a primeira vítima de um conflito bélico é sempre a verdade. Especialmente nestes nossos tempos em que a tecnologia e a eletrônica passaram a ser o oxigênio vital dos exércitos e construir a ‘nossa’ verdade, ou pelo menos a que mais nos interessa, no coração e nas mentes do inimigo é essencial para a vitória. A exclusividade de transmissão ao vivo, docemente oferecida pelos iraquianos a um tipo específico de rede de televisão norte-americana, a CNN, merece atenção. Durante toda a primeira madrugada a guerra foi transformada em um fantástico espetáculo de um dono só. A novidade foi outorgada por Bagdá a um único privilegiado.[...].*⁹

⁷ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Choque do petróleo”, 9 de agosto de 1990, p. A-2.

⁸ Ler a obra de SILVA, Aline Cáceres Dutra da. *A Hegemonia da Informação: Estudo sobre ética em jornalismo internacional com base na cobertura americana e brasileira da Guerra ao Terror*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Projetos Experimentais em Jornalismo, do Departamento de Comunicação do Centro de Educação Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, 2003.

⁹ Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Guerra e Verdade”, São Paulo, 23 de fevereiro de 1991, p. 03.

O periódico “Folha de São Paulo” preferiu criticar a censura à imprensa imposta pelas partes beligerantes do conflito:

O véu de censura que encobre a guerra no golfo Pérsico como que tornou a opinião pública mundial refém das conveniências fardadas de Washington, Bagdá e dos demais países envolvidos no conflito. O único front cujos canais seguem abertos é o dos porta-vozes militares, que despejam informes de conteúdo sempre mais contraditório e inexpressivo.

Destaca-se o paradoxo: embora a imprensa hoje disponha de instrumentos avançadíssimos, malgrado a televisão realize uma cobertura intermitente, sabe-se menos sobre esta guerra do que acerca das anteriores; o imenso aparato tecnológico da comunicação, com censura, acaba servindo para generalizar a desinformação.¹⁰

A questão da censura e do acesso às informações durante a Guerra do Golfo foi bastante importante para criar uma imagem de guerra limpa, com o uso de armas inteligentes e bombardeios cirúrgicos. Contudo, ao final da guerra isso foi desmentido pelos fatos, pois ocorreram vários bombardeios em alvos errados, como em locais habitados por civis. Como por exemplo: “Bombardeios dos Estados Unidos e seus aliados mataram centenas de pessoas em um abrigo antiaéreo no bairro Al Amriya, na periferia de Bagdá. (...)”¹¹

A quinta temática se relaciona com a defesa pelos jornais de negociações e a crítica à necessidade de guerra. Ambos os jornais, como já foi discutido anteriormente, tratam a guerra como uma solução irracional. Então se critica que a diplomacia foi preterida pela opção da guerra:

Hoje, é a vontade política de Bush e de Saddam que se impõe ao desejo de retardar a ação de parte do Estado-Maior Combinado norte-americano. Como a guerra fundamentalmente, é um fato político com um objetivo político, é de temer que a opinião dos profissionais, que sabem o que significa a guerra, não seja acatada.[...].¹²

O jornal “Folha de São Paulo” defendeu, por sua vez, o embargo econômico ao invés da solução da guerra:

¹⁰ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra à censura”, São Paulo, 30 de janeiro de 1991, p. A-2.

¹¹ Reportagem das agências internacionais republicada pela Folha de São Paulo com o título “Bombardeio mata centenas em abrigo de Bagdá, São Paulo, 14 de fevereiro de 1991, p. A-10.

¹² Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Que virá depois?”, São Paulo, 15 de janeiro de 1991, p. 03.

Todas essa evidência convergem inevitavelmente para tornar mais desconcertante a indagação: por que não se insistiu no embargo econômico em vez de se apresentar como exclusiva nesta altura a saída militar? Pressionado por um bloqueio verdadeiro, parece óbvio que cedo ou tarde não restaria alternativa a Saddam se não a do recuo; sequer poderia contar com o espantinho de uma crise de fornecimento do petróleo – a ausência dos estoques do Iraque e do Kuwait não impediu a normalização da oferta do produto.¹³

O que o editorial acima não depreendeu é que os Estados Unidos e o Iraque desejavam a guerra e não poderiam recuar de suas posições.

A sexta e última temática é a relativa aos interesses dos Estados Unidos na guerra e a imagem de Saddam Hussein. Enquanto a imprensa e o próprio governo estadunidense representavam o líder iraquiano como sendo um déspota, guiado por uma lógica alucinada e até mesmo “louco” e a reencarnação do “mal”, pouco se discutia nos editoriais as implícitas razões que levaram os Estados Unidos a participarem da guerra. Como se sabe o petróleo e a retirada de Saddam do poder eram alguns dos objetivos. Saddam Hussein e o Iraque foram integralmente responsabilizados pela ocorrência da guerra. Já os Estados Unidos de George Bush aparecem como baluartes do sistema internacional, defensores do direito internacional e das Nações Unidas. O Iraque, não se pode esquecer, foi armado pelo próprio Ocidente. O editorial da “Folha de São Paulo”:

De toda maneira, a ação contra Israel não deixa de confirmar – de modo dramático, ignominioso e estarrecedor – o caráter repulsivo da investida de Saddam Hussein. Não há qualquer chance de vitória; mas o ditador insiste em sacrificar a população de seu país. É praticamente inevitável que ocorram pesadas baixas civis, diante das maciças incursões aéreas norte-americanas. Nos cálculos sinistros do tirano; pouco importa – sua arrogância retórica se intensifica.¹⁴

O jornal “O Estado de São Paulo” compara de certa forma, Bush a Franklin Delano Roosevelt e a Winston Churchill, e condena o Iraque como o grande causador da guerra em seu editorial do dia 18 de janeiro de 1991:

O discurso com que o presidente George Bush informou os Estados Unidos de que as hostilidades haviam sido iniciadas no Golfo Pérsico não tem a grandeza literária e a dramaticidade de algumas peças de F. D. Roosevelt ou então, de Winston

¹³ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra”, São Paulo, 17 de janeiro de 1991, p. A-02.

¹⁴ Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Lógica alucinada”, São Paulo, 19 de janeiro de 1991, p. A-2.

Churchill. Marca no entanto, apesar disso, momento seguramente tão importante para a história das relações internacionais quanto qualquer das orações com que os dois grandes estadistas deste século fixaram os pontos de inflexão da Segunda Guerra Mundial e da História Contemporânea.(...) Irredutível em sua posição, buscando unir os povos árabes em torno da bandeira da “Guerra Santa”, Saddam Hussein conduziu a ONU a adotar a resolução autorizando os estados-membros a usar todos os meios para levar o Iraque a retirar-se do Kuwait. Todos os meios – o derradeiro deles, a guerra.¹⁵

Então, de acordo com os editoriais citados, a imagem que ficou da guerra foi o governo dos Estados Unidos, na época presidido pelo presidente George Bush, do Partido Republicano, que passou e defendeu que a Guerra do Golfo foi um conflito com bombardeios cirúrgicos, feitos com armas inteligentes, em que as mortes seriam em quantidade mínima. Como se sabe, não foi bem assim que aconteceu. Nesse sentido, a pesquisa do mestrado em questão objetiva mostrar como a imprensa escrita brasileira, no caso os jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, seguiram tal discurso, sem discuti-lo de forma profunda.

Nesse sentido, de que a imprensa teve uma grande participação na guerra, pois de acordo com José Arbex Júnior, em sua obra “Showrnlismo: a notícia como espetáculo”, a Guerra do Golfo pode ser considerada como um grande divisor de águas, porque a imprensa enfatizou muito mais as armas, o show de imagens, as batalhas noturnas que pareciam de vídeo game, os bombardeios cirúrgicos, as armas inteligentes e a tecnologia do que o horror, o homem, a vida, as vítimas e a destruição. Arbex afirma:

A Guerra do Golfo serviu como um divisor de águas nessa longa história. Pela primeira vez, uma guerra era transmitida ‘ao vivo’, em tempo real, por uma rede de alcance planetário (a Cable News Network, CNN) (...). E – outro fato inédito – a grande personagem da guerra, ao contrário daquilo que, apenas em certa medida, havia caracterizado a cobertura da Guerra do Vietnã, nos anos 60, não foi o homem, os horrores, ódios e esperanças provocadas pela destruição, mas a tecnologia, as armas ‘inteligentes’, as operações ‘cirúrgicas’ [...]. (ARBEX, 2001:30-31).

Vale lembrar que para Arbex, a Guerra do Golfo chegou a ser vista como um “choque civilizatório”. Na verdade, ocorreu uma construção de uma retórica e uma metáfora interpretativa entre os Estados Unidos da América, representante da civilização ocidental – detentor de valores cristãos, democráticos, capitalistas, do livre mercado e pluralista – e o

¹⁵ Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “O futuro de cem anos”, São Paulo, 18 de janeiro de 1991, p. 03.

Iraque, representante da civilização muçulmana – portador de intolerância, atraso, avesso à democracia e ao livre mercado.

Obviamente não se devem desprezar as diferenças culturais e históricas entre o Ocidente Cristão e o Islã, para se entender a Guerra do Golfo. Nesse sentido, há uma discordância com relação ao jornalista José Arbex Júnior, pois tal conflito não pode ser entendido apenas pelas diferenças culturais. Não é segredo que o Ocidente compreende com os seus “olhos” as estruturas culturais e o pensamento da civilização muçulmana. Dessa maneira, há uma concordância parcial com os argumentos do autor Samuel Huntington¹⁶. Não que o mundo deva ser entendido como um mero choque de linhas culturais civilizatórias. Contudo, as ações dos países dentro do âmbito das relações internacionais devem ser entendidas também pelo viés das questões políticas, geopolíticas, econômicas e das relações internacionais.

Por outro lado, o jornalista José Arbex tem razão quando fala que houve uma construção metafórica, retórica teórica por parte da imprensa ao apresentar o Iraque e o mundo árabe-muçulmano como sendo um conceito ameaçador e ruim ao Ocidente, por parte da imprensa e dos países envolvidos, principalmente pelos governos dos Estados Unidos e do Reino Unido. Vale ressaltar que o próprio José Arbex Junior foi correspondente na Guerra do Golfo, tendo permanecido no Kuwait para cobrir a guerra para o jornal “Folha de São Paulo”.

A imprensa escrita, televisiva e de rádio construiu a imagem de que a Guerra do Golfo seria uma luta do “bem” contra o “mal”, isto é, dos Estados Unidos e o Ocidente, contra o Iraque o Islã. Isso foi reproduzido reiteradas vezes pelos noticiários escritos em escala internacional e nacional.

Assim, pode-se refletir sobre a validade de Armand Mattelart ao afirmar:

O Século XIX inventa a news e, com ela, o ideal da informação instantânea. Entre 1830 e 1850 criam-se as grandes agências. A partir de 1875, começam a formar-se os grupos de imprensa. Surgem os primeiros gêneros escritos da produção cultural de massa. (MATTELART, 2000: 47).

¹⁶ Ler a obra de HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

O próprio Arbex também corrobora esse pensamento ao mostrar como a informação está cada vez mais rápida quando escreve “Do início do século XIX até os nossos dias, a história tecnológica da mídia pode ser resumida como a história da fabricação e instalação de meios cada vez mais rápidos de propagar a informação” (ARBEX, 2001: 59).

Dessa forma, para atender os seus anseios de lucros e interesses de corporações privadas e até públicas, a imprensa atua como uma empresa que aparentemente é guardiã da verdade e da imparcialidade, como afirma o jornalista Carlos Dorneles:

A imprensa somente revela fatos, não toma partido; não é responsável por acontecimentos, apenas os registra. Esse dogma jornalístico jamais soou tão irreal como depois do 11 de setembro. Muitos episódios, como a própria guerra no Afeganistão, tiveram participação ativa da imprensa. É impossível, hoje, separar o que foi apenas a intenção pura e simples do governo Bush e o que foi facilitado, possibilitado pela influência da mídia. (...)O trabalho da mídia só reforçou a sua capacidade de ditar rumos. Por cumplicidade ou por omissão, mas sem inocência. (DORNELES, 2003:270-271).

Seguindo essa linha de raciocínio, a Guerra do Golfo foi um marco importante na cobertura da imprensa e o seu tratamento para com as notícias. A cobertura ao vivo transformou veículos como a CNN, fazendo-a uma grande potência nos meios de comunicação jornalísticos, um referencial para o jornalismo 24 (vinte e quatro) horas e para a cobertura de guerras.

A obra de Arbex vai ao encontro com essa linha de pensamento, pois esteve no aludido conflito, a serviço do jornal “Folha de São Paulo”, no qual trabalhou no período de 1990-1991.

Considerações Finais

Percebe-se, pelo que foi discutido, que a imprensa escrita brasileira, leiam-se os jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, fizeram algumas críticas e análises em seus editoriais, mas reproduziram na sua maior parte a versão de que Saddam Hussein era um sanguinário, os Estados Unidos estavam lutando em prol do cumprimento do direito internacional, a guerra foi tecnológica e com armas inteligentes, e a imprensa foi censurada e comprometida em sua cobertura.

Não se pode esquecer que a imprensa estadunidense, fonte das informações internacionais para os mencionados jornais brasileiros, seguia a Doutrina Powell do governo dos Estados Unidos. Tal doutrina é baseada na idéia de uma guerra segura, sem mortes, com o uso de armas inteligentes e bombardeios cirúrgicos. Daí nasceu a imagem sobre a Guerra do Golfo de ser uma guerra limpa, quase sem mortes.

Obviamente, o mundo muçulmano e os islâmicos continuam sendo apresentados pela imprensa como o grande “mal” que deve ser corrigido para a manutenção da paz mundial e da civilização Ocidental. É bem verdade que a mídia estadunidense admitiu algum tempo depois que a cobertura realizada durante a Guerra do Golfo foi tendenciosa em favor dos Estados Unidos. Sem dúvida, tal operação foi construída pela mídia estadunidense juntamente com o Estado estadunidense mais a elaboração de documentários e filmes de imparcialidade e cientificidade bastante duvidosos.

Desse modo, nota-se que a cobertura da imprensa escrita brasileira, no caso, os jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”, através de uma análise dos seus editoriais sobre a crise e a Guerra do Golfo, reproduziu várias “verdades” e visões sobre tal conflito, defendidas por agências de notícias internacionais e pela CNN. Pouco se preocuparam em aprofundar e discutir os interesses infiltrados e escondidos dos Estados Unidos e do Iraque na guerra, bem como a real dimensão que ela teve para o Oriente Médio e para o mundo em termos geopolíticos, militares e econômicos.

Pensar a cobertura de uma guerra, como a do Golfo, de 1991, pela imprensa escrita brasileira, é fundamental para compreender como ela foi vista no Brasil e como nossa imprensa depende e reproduz muitas notícias e visões sobre questões internacionais, por depender de agências como a Reuters, Associated Press e France Presse. Seriam interessante países como o Brasil, por meio de sua imprensa, construir mecanismos que possam garantir também a produção de notícias e de material sobre questões internacionais.

Fontes

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Choque do petróleo”, 9 de agosto de 1990, p. A-2.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Ultimato da ONU”, São Paulo, 1º de dezembro de 1990, p. A-2.

Editorial do Jornal da Tarde “O petróleo é de Saddam”, São Paulo, 15 de janeiro de 1991.

Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Que virá depois?”, São Paulo, 15 de janeiro de 1991, p. 03.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra”, São Paulo, 17 de janeiro de 1991, p. A-02.

Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “O futuro de cem anos”, São Paulo, 18 de janeiro de 1991, p. 03.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Riscos do monopólio”, São Paulo, 18 de janeiro de 1991, p. A-2.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Lógica alucinada”, São Paulo, 19 de janeiro de 1991, p. A-2.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra à censura”, São Paulo, 30 de janeiro de 1991, p. A-2.

Editorial/Opinião da Folha de São Paulo “Guerra sem ONU”, São Paulo, 13 de fevereiro de 1990, p. A-2.

Reportagem das agências internacionais republicada pela Folha de São Paulo com o título “Bombardeio mata centenas em abrigo de Bagdá”, São Paulo, 14 de fevereiro de 1991, p. A-10.

Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Encontro em Bagdá”, São Paulo, 15 de fevereiro, p. 03.

Editorial/Notas e Informações do O Estado de São Paulo “Guerra e Verdade”, São Paulo, 23 de fevereiro de 1991, p. 03.

Bibliografia

AO VIVO DE BAGDÁ: GUERRA DO GOLFO”. Revista Grandes Guerras. São Paulo: Abril, Ed. 9. p. 29, janeiro 2006.

ARBEX JÚNIOR, José. Showrnlismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AZÉMA, Jean-Pierre. A guerra. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

BERTONHA, João Fábio. “Temas de política internacional para historiadores: A crise do Golfo Pérsico em 1991”. In: *História e Ensino*. Londrina, 1996(2): pp.113-128.

BLACKWELL, James. *Tempestade no Deserto: as Estratégias e Táticas da Guerra do Golfo Pérsico*. VARGAS, Berilo; FRANÇA, Jamari. (trads.). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1991.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1980.

COMBAT, Flavio Alves. *Hegemonia e contradições no sistema monetário e financeiro internacional: as conseqüências da Guerra do Vietnã (1965-1975) e da Guerra do Iraque (2003-em curso) para a sustentação do dólar como moeda central do sistema internacional*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (Instituições e Formas Políticas), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.

DARWISH, Adel; ALEXANDER, Gregory. *Guerra do Golfo: A História Secreta da Guerra de Saddam*. MAFRA, Isabel; Bento, Maria João; HORTA, Silva [et al]. 2ª Ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

DENAUD, Patrick. *Iraque, a guerra permanente: entrevistas com Tarek Azis. A posição do regime iraquiano*. MENENDEZ, Maria Inês (trad.). Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

DORNELES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*. São Paulo: Globo, 2003.

FONTENELLE, Paula. *Iraque: a guerra pelas mentes*. São Paulo: Editora Sapienza, 2004.

GODOY, Roberto. “Armas sofisticadas estréiam no Golfo”. O Estado de São Paulo, São Paulo, de 15 de janeiro de 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. SIEBENEICHLER, Beno (trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. (Coleção Biblioteca Tempo Universitário – Série Estudos Alemães).

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. SOARES, Pedro Maia (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. PELEGRIN, Laureano (trad.). Bauru: EDUSC, 2000.

“MEIO SÉCULO NA IMPRENSA”. Revista Ler & Cia. Curitiba: Livrarias Curitiba, Ed. 15, Ano 3. p. 28, 7 de julho de 2007.

MUNHOZ, Sidnei José. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). *O Século Sombrio: Uma História Geral do Século XX*. Rio de Janeiro: Editora Campus Elsevier, 2004, p. 261-281.

REMOND, René. *Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 198.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. *O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a Articulação de um Novo Paradigma de Segurança Coletiva*. Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

SILVA, Aline Cáceres Dutra da. *A Hegemonia da Informação: Estudo sobre ética em jornalismo internacional com base na cobertura americana e brasileira da Guerra ao Terror*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Projetos Experimentais em Jornalismo, do Departamento de Comunicação do Centro de Educação Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, 2003.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao Vento. Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHITTEMORE, Hank. *CNN: A História Real. Como um grupo de sonhadores audaciosos mudou a face do telejornalismo mundial*. NOGUEIRA, Celso (trad.). São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Moraes. *A Crise no Oriente Médio: a Guerra do Golfo, as Discussões Historiográficas e as Relações Internacionais (1990-1991)*. Monografia de Especialização apresentada Curso de Especialização em História Social e Ensino de História, do Departamento de História do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2006.

_____. *Tempestade no Iraque: a Guerra do Golfo, a Política Externa dos Estados Unidos, a Historiografia Militar e a Imprensa Escrita Brasileira (1990-1991)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2008.